



***UMA ANÁLISE DA MÍDIA EVANGÉLICA: “GÊNERO É BIOLÓGICO E TUDO QUE FOGE DISSO SUBVERTE OS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS CRISTÃOS”***

***UN ANÁLISIS DE LOS MEDIOS EVANGÉLICOS: “EL GÉNERO ES BIOLÓGICO Y TODO LO QUE NO SUBVIERTA LOS PRINCIPIOS RELIGIOSOS CRISTIANOS”***

***AN ANALYSIS OF THE EVANGELICAL MEDIA: “GENDER IS BIOLOGICAL AND EVERYTHING THAT DOES NOT SUBVERT CHRISTIAN RELIGIOUS PRINCIPLES”***

*Marcos da Cruz Alves Siqueira*<sup>1</sup>

*Geiva Carolina Calsa*<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente texto é resultado da tese de doutoramento em educação e tem como objetivo problematizar algumas publicações do *site Gospel Prime – GP* no período de 2015 e 2018 sobre o conceito de gênero associado a Biologia e suas implicações na educação para diversidade sexual. A questão central do artigo é: como a mídia evangélica representa gênero associado a Biologia em seus textos midiáticos e quais interferências ocorre no debate sobre educação? Compreendemos como mídia evangélica um conjunto de ferramentas utilizadas pela religião cristã, neste caso a evangélica, para expressar e comunicar sobre seus princípios religiosos, por meio de *sites*, rádios, jornais, redes de televisão, *blogs* entre outros. Para este trabalho nos limitaremos apenas a problematizar por meio de alguns textos elencados no *site* e suas representações de gênero associado a Biologia e como isso afeta de modo direto os debates sobre educação e diversidade sexual. Para capturar as representações no *site GP* utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo (AC) proposta por Laurence Bardin. Por fim, ao analisarmos as mídias

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP/campus de Ilha Solteira-SP, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade Estadual de Maringá-UEM, Maringá, Paraná, Brasil.

evangélicas compreendemos suas representações sobre o conceito de gênero e como utilizam a Biologia para tentar fundamentar seus princípios religiosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** pedagogias cristãs; diversidade; religião; cristianismo.

### **RESUMEN**

Este texto es resultado de una tesis doctoral en educación y tiene como objetivo problematizar algunas publicaciones en el sitio web Gospel Prime – GP en el período 2015 y 2018 sobre el concepto de género asociado a la Biología y sus implicaciones en la educación para la diversidad sexual. La pregunta central del artículo es: ¿cómo representan los medios evangélicos el género asociado a la Biología en sus textos mediáticos y qué interferencias se producen en el debate sobre la educación? Entendemos por medios evangélicos un conjunto de herramientas que utiliza la religión cristiana, en este caso la evangélica, para expresar y comunicar sobre sus principios religiosos, a través de sitios web, radios, periódicos, cadenas de televisión, blogs, entre otros. Para este trabajo nos limitaremos a problematizar, a través de algunos textos citados en el sitio web anterior, sus representaciones de género asociadas a la Biología y cómo ésta incide directamente en los debates sobre educación y diversidad sexual. Para capturar las representaciones en el sitio web de GP, utilizamos la metodología Content Analysis (CA) propuesta por Laurence Bardin. Finalmente, cuando analizamos los medios evangélicos, comprendemos sus representaciones sobre el concepto de género y cómo utilizan la Biología para tratar de fundamentar sus principios religiosos.

**PALABRAS-CLAVE:** Pedagogías cristianas. Diversidad. Religión. Cristiandad.

### **ABSTRACT**

This text is the result of a doctoral thesis in education and aims to problematize some publications on the Gospel Prime – GP website in the period 2015 and 2018 on the concept of gender associated with Biology and its implications in education for sexual diversity. The central question of the article is: how does the evangelical media represent gender associated with Biology in their media texts and what interferences occur in the debate on education? We understand evangelical media as a set of tools used by the Christian religion, in this case the evangelical one, to express and communicate about its religious principles, through websites, radios, newspapers, television networks, blogs, among others. For this work, we will limit ourselves to problematizing, through some texts listed on the website above, their representations of gender associated with Biology and how this directly affects debates on education and sexual diversity. To capture the representations on the GP website, we used the Content Analysis (CA) methodology proposed by Laurence Bardin. Finally, when we analyze the evangelical media, we understand their representations about the concept of gender and how they use Biology to try to substantiate their religious principles.

**KEYWORDS:** Christian pedagogies. Diversity. Religion. Christianity.

\*\*\*

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”

## **Introdução: seleção e organização dos textos**

Coletamos textos publicados no *site Gospel Prime-GP* entre 2015 e 2018, períodos que, abarcam as votações sobre a inclusão do tema gênero nos planos municipais, estaduais e nacional de educação. Nesse período, grupos evangélicos e católicos participaram de audiências públicas e votações nas arenas políticas (Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas Estaduais e Congresso Nacional), buscando a retirada desse tema dos documentos educacionais. Para isso, utilizaram o uso crescente das mídias digitais para divulgar informações incoerentes sobre a temática gênero. As mídias digitais tornaram-se uma das formas de manifestação das representações dos grupos religiosos sobre o tema proposto em análise nesse artigo: uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”.

Com isso, quando analisamos a mídia evangélica precisamos compreender o entrelaçamento com as principais transformações históricas, culturais, políticas, sociais e institucionais que modelaram o mundo contemporâneo. Para John B. Thompson (2008), a mídia é um discurso, fruto dos últimos acontecimentos históricos contemporâneos que influencia e que organiza as ações e as concepções de mundo por meio de veículos de comunicação. A mídia é produtora de sentidos sobre as manifestações humanas, portanto, produz representações e concepções que temos de nós e do mundo.

Consideramos, dessa forma, que a mídia é uma das ferramentas capaz de provocar novos conceitos, sentidos e representações sobre as questões de gênero. Os canais midiáticos cada vez mais presentes no cotidiano, ganham espaços nas discussões políticas, culturais e educacionais pela fluidez em difundir e em propagar saberes. Adentrar esse campo é entender as relações socioculturais fundamentadas na constituição de saberes que são expressos de forma representacional.

Assim, com o objetivo de problematizar as representações constituídas e constituidoras sobre as questões de gênero, na mídia evangélica GP, articulamos esse tema à Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (1978; 2005; 2012) e o método de Análise de Conteúdo sistematizado por Laurence Bardin (2016). Para Angela Arruda (2002), as representações sociais constituem uma espécie de processo cognitivo que permite incorporar nosso pensar/perceber ao mundo e, com isso,

desenvolver um entendimento por meio de definições e de classificações. Ao compreender esse complexo mecanismo de trocas, passamos a decifrar o mundo e a perceber a possibilidade de renovação e de transformação por meio do pensamento social.

Em síntese, toda manifestação humana expressa saber/conhecimento e isso pode ser identificado por meio de definições e de classificações que vão resultar na representação sobre determinado conteúdo. Para Karina Toledo de Araújo (2015), essas manifestações são produtoras de sentidos sobre as questões de gênero. Portanto, produzem identidades e maneiras de ser e de viver em sociedade. Com isso, a mídia como produto da expressão e de manifestação humana faz circular e difundir entre os indivíduos esses saberes/conhecimentos que vão impactar no modo de ser e viver no mundo contemporâneo (ARAÚJO, 2015; MOSCOVICI, 2005).

Assim, nossa análise leva em conta os pressupostos de uma perspectiva processual das representações sociais, com ênfase nos conceitos de ancoragem e de objetivação, propostos por Serge Moscovici (2012).

Para Karina Toledo de Araújo (2015), a fase de objetivação e a de ancoragem [...] são processos que constituem as representações e que orientam a elaboração de modelos ativos, de comportamentos mediante o fenômeno ou situação em que o sujeito se encontra (ARAÚJO, 2015, p. 120).

Trata-se de uma forma de organizar, classificar e elaborar nossos comportamentos em relação as situações sociais que vivenciamos.

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2012, p. 78).

Os processos de ancoragem e de objetivação referem-se ao movimento que diversas pessoas utilizam em seu cotidiano para inscrever suas ações humanas nas relações com seu passado, com suas tradições e com suas experiências (ARAÚJO, 2015; MOSCOVICI, 1978). Por conta disso, o processo de ancoragem produz efeitos simbólicos sobre a sociedade, mantendo a memória em movimento, assentando representações já presentes e assimilando novas. Em conjunto com o processo de

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos ancoragem, a objetivação permite a <sup>crístãos</sup>comunicação e a circulação das representações produzidas ao outro.

Em nossa pesquisa, essas características de produção e de circulação das representações sociais pareceram convergir, satisfatoriamente, com uma pesquisa de caráter documental, escolhida por nós para investigar as relações entre as mídias evangélicas e gênero. Consideramos, então, que no site, em análise, seria possível identificar as representações sociais de gênero, bem como suas ancoragens e suas objetivações.

Para o desenvolvimento da pesquisa com delineamento documental apoiamos-nos em João José Saraiva da Fonseca (2002), para quem a pesquisa documental “[...] recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, sites” (FONSECA, 2002, p. 32). Para o autor, a *internet* vem possibilitando a diversos pesquisadores/as ter acesso a documentações eletrônicas que permitem investigar essas novas formas de produção de sentidos sobre a realidade.

Partindo dessas considerações, apresentaremos as fases de desenvolvimento do método de Análise de Conteúdo que adotamos para organizar e analisar o *corpus* de nossa pesquisa. Inicialmente, apresentaremos os procedimentos de escolha do *corpus* (primeira fase), em seguida sua descrição (segunda fase). A seguir, sua codificação e a organização de inferências (terceira fase) sobre as representações de gênero, capturadas na mídia do GP.

A escolha do GP ocorreu por meio da revisão bibliográfica sobre os temas gênero, sexualidades, religião e mídia. Nessa revisão, encontramos artigos, teses e dissertações que trazem nas pesquisas relatadas documentos de grupos religiosos sobre gênero, como, por exemplo, cartas, notas e repúdios a essa temática como a Manifestação da Frente Parlamentar Evangélica - FPE, as Cartas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, a Manifestação dos Arautos do Evangelho de Maringá, as Notas dos Arautos do Evangelho Organização Internacional, o Repúdio da Associação Midiática Contra a Ideologia de Gênero Plínio Correa e as Cartas da Diocese de Paranaíba.

Segundo Rogério Diniz Junqueira (2018), os documentos produzidos por entidades religiosas tinham como alvo o sistema educacional brasileiro e suas ações visavam promover um ataque às políticas de inclusão e de diversidade, bem como propagar e difundir o conceito de “Ideologia de Gênero”, pela visão da Igreja cristã em

suas mídias. Desse modo, em nossa análise observamos que o GP foi um dos principais *sites* que fizeram circular essas informações e esses documentos produzidos pelos grupos evangélicos sobre gênero e sexualidades.

O ano de 2018 foi selecionado como final da busca de textos do *site Gospel Prime-GP*, por comportar as eleições para governadores, deputados estaduais, deputados federais e presidência da república. Eleições essas que deixaram seu registro na história da política brasileira por fazer circular informações falsas.

De acordo com Andrea Dip (2018), a eleição apenas apresentou as notícias falsas nas mídias digitais que já circulavam antes mesmo da eleição acontecer, em particular, sobre o tema gênero articuladas, principalmente por grupos evangélicos. Notícias falsas sobre a criação de um “kit gay” a ser distribuído nas escolas de todo o país e da “mamadeira de piroca” começaram a ganhar destaque nessas mídias transformando-se em mote para partidos políticos, como o Partido Socialista Liberal (PSL), que elegeu no ano de 2018 não somente o ex-presidente do país Jair Messias Bolsonaro, mas grande quantidade de deputados federais e estaduais<sup>3</sup>, a convencer seus supostos eleitores de que estava ocorrendo uma forte degradação dos costumes e valores morais e religiosos em nosso país. Observamos que o GP foi um dos principais *sites* que fizeram circular essas informações e esses documentos produzidos pelos grupos evangélicos sobre gênero.

Para fundamentar seus valores cristãos o *site* GP utilizou da Biologia para tentar argumentar com seu público que a implementação do conceito de gênero na educação seria um erro. Essa confirmação veio quando encontramos o artigo de Ethel Rudnitzki e Laura Scofield (2020), que por meio de suas pesquisas apontam que o *site* foi um dos que mais disseminaram desinformações utilizando a Ciência para confundir. Além disso, o GP contou com financiamento de verba pública para impulsionar propagandas do governo e de suporte financeiro de grupos ligados ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Para seguir com a seleção dos textos no GP contamos com o auxílio da lupa de busca do próprio *site*, verificamos os textos que apresentavam o termo gênero e Biologia e/ou marcações em sua *tag*<sup>4</sup> e que abrangiam o período de publicação dos

<sup>3</sup> No *site* “Boatos”, é possível ver a divulgação dessas duas notícias falsas. Segundo a notificação, um partido estaria distribuindo um Kit Gay nas escolas e o kit viria acompanhado de uma mamadeira, cujo bico teria formato de um pênis. Disponível em <https://www.boatos.org/politica/mamadeira-kit-gay-distribuida-em-creches.html>. Acesso em 18 abr. 2023.

<sup>4</sup> *Tags* são tipos de etiquetas ou de rótulos.

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”  
textos selecionados (2015-2018). Apareceram os seguintes textos que vamos utilizar em nossa análise: a) discordar da ideologia de gênero não é homofobia, é Biologia; b) o que é ideologia de gênero; c) a mídia estimula a transexualidade nas crianças, alertam especialistas; d) ideologia de gênero pode tornar pedofilia “normal”, alerta educadora; e) menino de 9 anos consegue na justiça mudar gênero e nome; f) Canadá quer tirar filhos de pais que não aceitem identidade de gênero e g) Judith Butler e a subversão cultural e da identidade.

Com os textos selecionados passamos para etapa de identificação das unidades de registro (UR) das quais emergiriam, posteriormente, as categorias de análise de nossa pesquisa. Para tanto, seguimos os passos sugeridos por Bardin (2016), que envolvem (i) pré-análise, (ii) leitura flutuante e (iii) leitura crítica dos textos selecionados. Na etapa de pré-análise do material, verificamos se os textos estavam completos, continham informações sobre autoria, data e hora da postagem no *site*. Na leitura flutuante, realizamos o reconhecimento preliminar do texto, enquanto na leitura crítica começamos a identificar temas e conceitos presentes sobre gênero e sexualidades para a seleção das unidades de registro que se constitui a etapa seguinte.

As unidades de registro são constituídas de palavras, frases e mensagens encontradas nos textos. A sistematização das unidades de registro em categorias é utilizada em nossa pesquisa para identificar as representações de gênero e sexualidades presentes nos textos selecionados do GP. Para chegarmos a essa sistematização, realizamos um agrupamento preliminar das unidades de registro em grandes temas para, posteriormente, agrupá-los em categorias. Para Bardin (2016), o recorte, a enumeração e a classificação ou agrupamento de unidades de registro são fundamentais para a organização dos dados em categorias.

Após a seleção e a descrição das unidades de registro, realizamos a quantificação das ocorrências por temas, uma vez que quanto maior for a frequência, provavelmente, terá mais relevância para o processo de categorização e de interpretação dos dados. Com a conclusão dessas etapas, passamos à etapa de categorização das unidades de registro que envolveram os temas gênero e sexualidades.

Da etapa de identificação, seleção e descrição das unidades de registro constam algumas fases relevantes como compará-las para verificar temas comuns e agrupá-las. Cada unidade de registro será identificada neste texto por ordem alfabética e sua numeração de divisão. Vale destacar que, como em todo trabalho que envolve representações, nossa pesquisa apresenta limitações de análise e discussão, uma vez que

a interpretação dos dados é sempre polissêmica, fluída e está, intimamente, relacionada à perspectiva teórica adotada e às próprias representações sociais do pesquisador sobre o tema. Isso implica que as representações sociais identificadas constituem uma das perspectivas possíveis de análise desse material, em nosso caso, sob o olhar dos Estudos de Gênero.

Por fim, organizamos a seleção destes textos e denominamos essa categoria de **gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos**. Acrescentamos à categoria anterior a subcategoria “**gênero e sexualidades são defeitos genéticos ou doença mental**”, que busca reunir e integrar a visão bíblica sobre gênero e sexualidades à perspectiva biológica de sexo definindo-os ambos como sinônimos e defendendo os papéis sociais binários de homens e mulheres.

### **Discussão sobre os textos selecionados:**

Os excertos retirados das postagens do *site* GP revelam que o gênero é definido pelas diferenças biológicas sexuais. De acordo com esses dados, os papéis e funções sociais desenvolvidos por homens e mulheres não são considerados marcadores culturais, sociais e políticos, mas, tão somente, biológicos. O *site* defende, portanto, o fator biológico como decisivo para pensar e ensinar os gêneros na sociedade e na escola. O mesmo pode ser dito sobre as sexualidades humana determinada pelas condições biológicas de cada indivíduo.

Pautados em afirmar que a “Ideologia de Gênero” é uma ação para doutrinar crianças e adolescentes, o *site* direciona suas postagens para o viés de que uma forma de pensar gênero fora da condição biológica subverte e coloca em risco os princípios religiosos cristãos. Para neutralizar os conceitos de gênero e sexualidades como marcadores culturais, sociais e políticos defendidos pelos Estudos de Gênero, o *site* enfatiza conceitos biológicos que envolvem esses temas.

No primeiro excerto texto A/A1, o GP apresenta essa posição de forma insidiosa, ao afirmar que não aceitar a “Ideologia de Gênero” não caracteriza discriminação, intolerância ou homofobia, mas uma forma de embasamento biológico. Supomos que uma afirmação dessa ordem proporciona certa segurança para que um/a leitor/a neófito/a não abandone o *site* e continue a leitura do texto, assumindo suas afirmações como científicas.



Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos

Após o enunciado assegurar que o GP não está sendo intolerante ou homofóbico, suas postagens focalizam dois depoimentos de uma pesquisadora (A/A2 e A3) que daria apoio a suas afirmações. O caráter científico de suas postagens sobre gênero e sexualidades são suportados, então pela Ciência de forma inquestionável não esclarecendo, contudo, o/a leitor/a de que a própria Ciência é um território em conflito. Suas conclusões longe de serem inquestionáveis e homogêneas são alvo de ataques e disputas por grupos em posições políticas e científicas diferentes (MORENO, 2016).

No texto B/B1 o *site* GP frisa mais uma vez que, de acordo com a Ciência existem apenas dois sexos, ou seja, utilizam da palavra “Ciência” para transmitir em seu texto uma credibilidade para o/a leitor/a, argumentando que existe apenas: masculino e feminino e dois gêneros: homem e mulher.

“Não aceitar ideologia de gênero não é discriminação, não é ser intolerante nem homofóbico”, mas “é simplesmente biologia”, assegurou a doutora em biodiversidade, genética e evolução, Pamela Puppo. (TEXTO A/A1: DISCORDAR DA IDEOLOGIA DE GÊNERO NÃO É HOMOFOBIA, É BIOLOGIA).

De acordo com o Aci Digital, em um artigo publicado no *site* Posición.pe, com a temática “Sobre a ideologia de gênero”, a Doutora Puppo explicou que “quando os fetos são formados, têm dois cromossomos sexuais, XX ou XY, se for menina (XX) ou menino (XY). Os genes contidos nesses cromossomos determinam o desenvolvimento físico dos fetos. Deste modo, os embriões desenvolvem diferentes órgãos de acordo com o seu sexo”. A especialista destacou que “isto não é discriminação, é simplesmente biologia”. A doutora apresentou que, contrariamente aos princípios da ideologia de gênero, “o fato de nascer homem ou mulher não é um fato cultural, é biológico”. (TEXTO A/A2: DISCORDAR DA IDEOLOGIA DE GÊNERO NÃO É HOMOFOBIA, É BIOLOGIA).

A cientista estabeleceu uma analogia para provar que ser contra a ideologia de gênero não é homofobia. “Não me digam que quando uma mulher que está grávida faz o ultrassom para saber o sexo do bebê e pergunta ao seu médico se é menino ou menina ela está sendo homofóbica?”, comentou. (TEXTO A/A3: DISCORDAR DA IDEOLOGIA DE GÊNERO NÃO É HOMOFOBIA, É BIOLOGIA).

Gênero, por sua vez, quer dizer “espécie”. Para a ciência, o termo gênero passou a ser sinônimo do “sexo biológico dos indivíduos”. Originalmente, existem dois sexos: masculino e feminino. E há dois gêneros: homem e mulher. (TEXTO B/B1: O QUE É IDEOLOGIA DE GÊNERO).

Ao utilizar os conceitos biológicos, o *site* aproxima-se de um conjunto de representações sobre gênero associado a Biologia e produzem representações que

reforçam seu posicionamento heteronormativo quanto à interação entre os/as indivíduos. Para Judith Butler (2018), essa tentativa em reafirmar o conceito heteronormativo fundamenta-se em um conjunto de normas e de condutas que assumem as relações afetivas e sexuais restritas aos casais de sexos diferentes: homens e mulheres. Essa é a concepção de gênero adotada pelas religiões cristãs cuja meta é formação de famílias heteronormativas, relações sexuais heteronormativas e dentro do casamento, gêneros binários: homem e mulher.

Em nossa consideração esse é o motivo do GP basear-se nas genitálias masculinas e femininas como ponto de referência para definir suas relações de gênero e suas sexualidades. Embora, como argumenta Jaqueline Gomes de Jesus (2012) o sexo é definido por seus órgãos reprodutores, mas não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas. Isso é o que faz a cultura, a política, a moral, instâncias sociais capazes de constituir as identidades masculinas e femininas dos indivíduos, bem como suas sexualidades.

Conforme Jesus (2012), sexo é biológico, gênero é social e as sexualidades são constituídas a partir das relações culturais de afetos, prazeres, fantasias, desejos, crenças, vontades, emoções e sensações dos indivíduos. Gêneros, portanto, vão além do sexo biológico: não são os cromossomos ou a conformação genital que definem o que é ser homem ou ser mulher, mas, sim, a forma como a pessoa se expressa socialmente. As sexualidades têm um papel central nesse contexto, é por meio dela que temos a dimensão das experiências construídas socialmente no decorrer de nossas vidas e o que elegemos para nos relacionarmos afetivamente.

Com base nesses dados, supomos que a confusão estabelecida entre sexo, gênero e sexualidades faz parte das estratégias de propaganda desenvolvida pelo GP intencionalmente ao associar o fato biológico. Essas estratégias promovem suas posições heteronormativas, cristãs e conservadoras como também negam os resultados das pesquisas dos Estudos de Gênero, segundo os quais gêneros e sexualidades são múltiplos e fluídas nos seres humanos.

Podemos retomar aqui as considerações de Joanalira Corpes Magalhães (2012), para quem as representações sociais sobre gênero e sexualidades de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos+ produzidas e divulgadas pelo GP buscam associar também motivos biológicos para a não heteronormatividade desses indivíduos. Com este intuito as postagens do *site* tentam “descobrir” nos gays, lésbicas, transexuais uma origem biológica para suas condutas. Nas representações aí veiculadas

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”  
esses indivíduos podem ser considerados “anormais”, pois se distanciam da natureza biológica de homens e mulheres.

Mais uma vez sexo, gênero e sexualidades são considerados sinônimos. As diferenças anatômicas masculinas e femininas são utilizadas mais uma vez para reforçar seus posicionamentos conservadores de instituição de famílias heteronormativas como naturais. Aqui é desconsiderado o caráter histórico da formação dessas famílias, em especial, seu desenvolvimento mais agudo a partir do século XIX como decorrência das necessidades do sistema de produção capitalista e a organização do Estado Moderno (SAFFIOTI, 2013).

Essas considerações levam-nos a pensar que a estratégia da propaganda que veicula as representações sociais sobre gênero e outros conceitos que o complementam associado ao viés ideológico vem buscando mobilizar o campo político seja por intermédio da negação das sexualidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Intersexos - LGBTI+ seja através da negação da inserção dessa população nas políticas públicas educacionais. A mídia religiosa a todo momento tenta aproximar o conceito de gênero como algo pensado e construído pelo movimento LGBTI+.

Encontramos apoio a nossas hipóteses em Moscovici (2012, p. 395) quando afirma que “[...]o desenvolvimento das sociedades, sua transformação ou conservação convocam a autoafirmação explícita de um grupo, de sua unidade através da oposição aos outros grupos”. Como é o caso das lutas políticas estabelecidas pelos grupos evangélicos do *site* GP aos movimentos LGBTI+. Nesse sentido, quanto mais conflituosa a interação entre os dois grupos em disputa maior a busca pela reafirmação das representações e identidades de ambos. Com este objetivo a mídia evangélica GP se constituiu como uma ferramenta efetiva para fomentar e para ampliar as disputas em pauta.

Afirmamos, apoiando-nos em Richard Miskolci e Maximiliano Campana (2017), que esses grupos interpretam como ameaças religiosas, políticas e morais ao conjunto social os assuntos referentes aos grupos LGBTI+ engendrando o denominado “pânico moral”. Acompanhamos os autores quando explicam que pânico moral significa mobilizar as pessoas por meio do discurso, aproximando-as de temas sobre Direitos Humanos interpretado pela ótica da moral, criando assim, uma ação de intervenção nos projetos políticos para grupos minoritários. Isso significa que o campo discursivo de ação criado pela Igreja por meio de documentos, tratam os temas ligados aos Direitos Humanos de forma que fere a moral religiosa cristã e precisa ser combatido. Trata-se,

portanto, de uma tentativa de manter as formas de ser e existir, bem como os direitos e privilégios instituídos pela sociedade heteronormativa predominante ao longo da história ocidental.

Os autores destacam ainda que os empreendedores da moral, como podemos identificar os grupos evangélicos do GP não formam um grupo coeso, pelo contrário, estabelecem alianças circunstanciais e com objetivos específicos. Este foi o caso das alianças estabelecidas inicialmente entre grupos evangélicos e católicos com o fim de difundir a denominada “Ideologia de Gênero”. Neste movimento, organizaram-se conjuntamente para a difusão de um pânico moral emergente de alertas à corrupção de menores realizada por meio de conteúdos da educação escolar nas escolas brasileiras. Para tanto, buscam aliar suas pautas religiosas e morais a supostos saberes científicos de forma a promover um campo discursivo de ação por parte de seguidores que espalham suas postagens multiplicando seu alcance na *web*.

Por meio de um jogo de palavras o *site* GP se vale de conceitos biológicos para fundamentar seus preconceitos e opressão aos gêneros e sexualidades da comunidade LGBTI+. Nos excertos a seguir observamos o uso de conceitos e expressões oriundas de diferentes profissionais e campos do saber científico, religioso e moral em suas postagens de forma a sustentar seus posicionamentos sobre gêneros e sexualidades.

Uma das ideias mais comumente adotadas em estudos sobre gênero é a busca de “um gene transexual”, que serviria como prova biológica da homossexualidade e da transexualidade. Contudo, os especialistas alertam que essa é uma falácia. (TEXTO C/C4: A MÍDIA ESTIMULA A TRANSEXUALIDADE NAS CRIANÇAS, ALERTAM ESPECIALISTAS).

“A própria definição da Organização Mundial de Saúde sobre o conceito de saúde engloba três aspectos: biológico, psíquico e social. Sendo assim, explicar pela via biológica algo do universo humano é deixar de reconhecer que ali há um sujeito e que, enquanto tal, constrói seu próprio enredo. Se fosse assim, não haveria gêmeos univitelinos com orientações sexuais divergentes entre eles”, resumem. (TEXTO C/C5: A MÍDIA ESTIMULA A TRANSEXUALIDADE NAS CRIANÇAS, ALERTAM ESPECIALISTAS).

Acrescentam também que “nunca houve qualquer descoberta contundente da genética ligada à orientação sexual nem à transexualidade”, mas que as mídias “abrem enorme espaço para notícias duvidosas desse tipo”. (TEXTO C/C6: A MÍDIA ESTIMULA A TRANSEXUALIDADE NAS CRIANÇAS, ALERTAM ESPECIALISTAS).

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”

Médicos, psicólogos, cientistas e educadores se dividem quando o tema é “ideologia de gênero”. Depois da polêmica, no início deste ano, quando os psicólogos foram proibidos de tratar travestis e transexuais que buscam ajuda, muitas águas rolaram. Logo em seguida, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo (CREMESP) se posicionou contra as “ideologias” aplicadas nas escolas sem embasamento científico. Na plenária que aconteceu no primeiro semestre, com o tema “Desenvolvimento Psicosssexual da Criança e do Adolescente” algumas questões foram levantadas sobre saúde mental e ideologia de gênero. (TEXTO D/D1: IDEOLOGIA DE GÊNERO PODE TORNAR PEDOFILIA “NORMAL”, ALERTA EDUCADORA).

É possível observar no excerto C/C4 a afirmação de que estudos sobre gênero buscam encontrar um gene transexual que justifique cientificamente a existência dessas pessoas. Contudo, a postagem não mostra quais pesquisas seriam estas, os nomes das instituições e dos especialistas que a estariam realizando. Da mesma maneira não esclarece que pesquisadores seriam os detratores dessas iniciativas. Os excertos C/5 e C6 associam a orientação sexual dos indivíduos ao campo biológico, psíquico e cultural apoiando-se na Organização Mundial da Saúde (OMS) de forma a demonstrar o quanto é possível os adultos interferirem nas sexualidades dos indivíduos.

O *site* sustenta assim seu alerta de que a educação sexual escolar pode influenciar as crianças e adolescentes para suposta escolha de sua orientação sexual. Por outro lado, sugerem que a mídia favorável aos grupos LGBTI+ tentam insinuar a existência de uma origem biológica de suas sexualidades para se justificar moralmente na sociedade com o fim de corrompê-la. No excerto D/D1 o *site* vale-se de discussões do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP) sobre o desenvolvimento psicosssexual de crianças e adolescentes para sugerir que este órgão estaria se posicionando contrariamente à suposta Ideologia de Gênero e, em última instância, à posição dos grupos evangélicos que se manifestam no GP.

As estratégias de propaganda utilizadas pelo *site* mais uma vez se sustentam na ênfase biológica na abordagem dos gêneros e sexualidades humanas e no pânico moral quanto às influências negativas da educação sexual escolar na formação das crianças. Em nossa suposição quando o *site* se propõe a interpretar informações científicas a luz de suas crenças religiosas confirma seu posicionamento sobre gêneros e sexualidades selecionando e distorcendo como este viés.

Nos excertos que se seguem, o pânico moral faz-se, novamente, presente. No excerto E/E2 quando menciona a permissão da justiça para mudança de sexo de homens

e mulheres como se fossem escolhas levianas desses indivíduos. Para tanto, a postagem omite os procedimentos médicos e psicológicos e orientam as pessoas sobre a realização de procedimentos em cada caso. No excerto F/F1 vemos depoimentos de pais canadenses que não concordando com a possibilidade de existência da não correspondência entre órgãos sexuais e gênero dos indivíduos e acusam as escolas de má influência sobre a formação de crianças e adolescentes nas instituições de ensino do Canadá. Assim, o excerto F/F1 demonstra a intervenção dos pais no conteúdo da escola ao apresentar suas preocupações sobre o que eles gostariam que fosse explicado aos seus filhos e o que a escola ensina. Vale destacar, que o excerto F/F1 não traz informações direta se esse caso aconteceu no Brasil ou Canadá, apenas conseguimos compreender que essa situação ocorreu no Canadá porque o título da matéria cita o país em discussão. O texto G/G10 acusa novamente Judith Butler de intencionalmente promover a desconstrução do gênero humano como uma condição natural.

A criança se veste como menina e se porta como tal e isso seria o suficiente para a justiça permitir que seja feita a mudança no campo de sexo de masculino para feminino. (TEXTO E/E2: MENINO DE 9 ANOS CONSEGUE NA JUSTIÇA MUDAR GÊNERO E NOME).

“Nós explicamos à agência que não estamos preparados para dizer às crianças uma mentira. Se as crianças pedissem, não mentiríamos para elas, mas nós não a levantaríamos”. (TEXTO F/F1: CANADÁ QUER TIRAR FILHOS DE PAIS QUE NÃO ACEITEM IDENTIDADE DE GÊNERO).

Diz ela: “Uma vez que o sexo e o gênero podem apresentar-se como naturais, a tarefa de desfazer esse engano torna-se mais importante”. Como se vê, ela procura desconstruir esse conceito, propositadamente, por meio do que chama de “genealogia da ontologia de gênero”. (TEXTO G/G10: JUDITH BUTLER E A SUBVERSÃO CULTURAL E DA IDENTIDADE).

É possível verificar nos excertos acima que o GP trata as vivências do gênero e a sexualidades LGBTI+ como uma farsa ou algo fantasioso. Assim, é possível verificar que no excerto E/E2 eles argumentam que a justiça autorizou a mudança de sexo de uma criança apenas por se vestir com roupas “femininas” e se comportar como tal. Já na F/F1 eles apontam que os pais não querem mentir quanto as questões de gênero da criança e no G/G10 o GP aponta a autora dessa confusão. Deste modo, é possível observar que as reportagens utilizam do tripé: fantasia, farsa e indução, ou seja,

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos compreendem que as vivências do <sup>crisãos</sup> gênero e sexualidades LGBTI+ podem ser modificadas com apenas um trocar de roupa. A farsa é apontada na segunda reportagem pela polaridade entre mentira e verdade, pais e filhos. No último excerto eles apontam a autora dessa confusão que está induzindo os/as filhos/as a romper com a verdade com seus pais e modificarem seu gênero por meio da farsa.

### **Gênero e sexualidades é um defeito genético ou doença mental**

Após a análise da categoria acima, foi preciso criar uma subcategoria intitulada: *gênero e sexualidades é um defeito genético ou doença mental* para apresentar as representações sociais objetivadas no site GP que estão predominantemente ancoradas na ideia de que gênero e sexualidades não binários e não heterossexuais são desvios da natureza humana. Deste modo, a subcategoria citada acima foi criada porque as UR aproximavam o gênero e as sexualidades não mais de um fator biológico e, sim, patológico. De acordo com o GP esses desvios, defeitos genéticos, incentivados pelos movimentos LGBTI+ vem potencializando a formação doenças mentais nos indivíduos facilmente influenciáveis. Decorrente dos movimentos LGBTI+ favorecem a manutenção dos desvios e das patologias negligenciando os avanços da medicina e da psiquiatria, em especial, que poderiam dirimi-los ou saná-los. Constatamos também que o GP se apropria de informações e terminologias da medicina como uma estratégia de convencimento de seus seguidores e validação de seus posicionamentos contrários à Ideologia de Gênero difundida pela comunidade LGBTI+.

A análise das postagens agrupadas nesta subcategoria permite também compreender a ancoragem das representações de gênero e sexualidades representadas pelo *site* como defeito genético ou doença mental se constituem polos interdependentes. Como explica Moscovici (2012), a estratégia de propaganda constitui-se nessa interdependência entre os dois polos organizados em suas mensagens com o fim de repetir e fixar estereótipos. Para tanto, o site GP apropria-se de expressões e de conhecimentos médicos, associando-os a comportamentos e a valores defendidos pelos movimentos LGBTI+.

No excerto B/B1 é relatada a escolha de Karen, uma professora de 50 anos que, após realizar o processo de transexualização, passou a identificar-se como um cavalo,

associando a transexualização<sup>5</sup> a alguma doença mental de parte do indivíduo. Nos excertos F/F1 e F5 são descritas as vidas de pessoas que sentem ter nascido na espécie errada: em um deles relata episódios em que mulheres se vestem de gatinhas e homens se sentem cães; no outro relata o caso de um homem que diz se sentir um cachorro da raça dalmata. No excerto C/C1, o site estabelece uma relação direta entre as reivindicações e conquistas dos movimentos LGBTI+ por direitos civis e sociais às manifestações crescentes desses comportamentos considerados da normalidade física e psíquica dos seres humanos.

O personagem central da produção Horse-Being [Ser Cavalos] é Karen, de 50 anos. Nascido homem, teve uma vida normal, era professor, casou-se e teve uma filha. Quando decidiu “assumir” sua opção sexual, pagou um tratamento e modificou o corpo, passando a se dizer mulher. Meses atrás, foi amplamente divulgado o caso da francesa Karen, que nasceu homem, fez operações para mudar de sexo e agora quer viver como um animal, mais especificamente um cavalo. Ele(a) conta que essa ideia o persegue desde que tinha sete anos de idade. (TEXTO B/B1: HOMEM QUE VIROU MULHER AGORA QUER SE TRANSFORMAR EM CAVALO).

Segundo Kye, 28 anos de idade, um dos entrevistados, “vestir-se de cachorro não é um fetiche sexual, é uma forma de escapismo”. Ele explica que as mulheres geralmente se identificam com gatinhas, enquanto os homens adotam uma identidade canina. Para alguns é um role play, como um papel teatral que se desempenha por um tempo. Entretanto, muitos acreditam realmente que nasceram na espécie errada. (TEXTO F/F1: IDEOLOGIA DE ESPÉCIE FAZ 10 MIL INGLESES VIVEREM COMO CACHORROS).

O programa do Channel 4 conta histórias como a de Tom, 32 anos, que trabalhava no teatro da cidade de Tring. Obcecado em se tornar um dalmata, ele trocou seu nome para Spot [mancha]. (TEXTO F/F5: IDEOLOGIA DE ESPÉCIE FAZ 10 MIL INGLESES VIVEREM COMO CACHORROS).

Na Europa, após a conquista de direitos iguais para homossexuais e, em alguns países, para transgêneros, outro movimento parece ganhar força. A teriantropia seria um “passo adiante” na questão transgêneros. Pessoas poderiam em nome da “construção” da sua

<sup>5</sup> Para Tatiana Lionço (2009, p. 44), o processo transexualizador no SUS, por meio da Portaria GM n. 1.707, de 18 de agosto de 2008, formalizou diretrizes técnicas e éticas para a atenção ao Processo Transexualizador. Isso reflete um importante conquista do segmento populacional de transexuais, denunciando a complexidade do avanço dos direitos sexuais no campo da Saúde Coletiva. Garante que pessoas, que se reconheçam como trans, possam ter uma atenção integral a saúde por meio de tratamentos que não modificar o seu corpo por meio de cirurgias ou de hormônios. Por fim, a regulamentação do processo transexualizador, formalizada pela Portaria da Secretaria de Atenção à Saúde n. 457, de 19 de agosto de 2008 permite afirmar que se trata de uma normatização que visa a resgatar os princípios da universalidade do acesso e integralidade na atenção, mas especificamente em relação às dimensões físicas e psicossociais, implicadas no processo de transformação fenotípico e social característico à transexualidade, prioritariamente no contexto da atenção especializada.



Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos

identidade, descobri-se um animal. Já existe até uma nomenclatura para isso: “transespécie”. (TEXTO C/C1: TRANSGÊNERO ANIMAL: JOVEM DIZ QUE É UMA GATA PRESO EM CORPO HUMANO).

A aproximação dos temas referentes à gênero e às sexualidades ao discurso médico-patologizante parece sugerir a necessidade de denúncia dos transtornos físicos e mentais que os indivíduos LGBTI+ compartilham e incentivam aos demais com o objetivo de normalizar comportamentos desviantes do esperado para os humanos. Decorrente disso, da sociedade organizada, incluindo os movimentos religiosos evangélicos, na visão do GP é exigida uma intervenção médica e política no sentido de resgatar a normalidade das condutas masculinas e femininas a esses indivíduos desviados pelo ideário dos movimentos LGBTI+.

O posicionamento do GP veiculado na forma de estereótipos de gênero e sexualidades binário e heteronormativo reproduz uma perspectiva médico-psiquiátrica que, segundo Bento e Pelúcio (2012), desde o século XVIII prevê o internamento em manicômios, choques elétricos e terapias de mudança de gênero e sexualidades denominada cura gay para o tratamento das populações LGBTI+. Uma perspectiva alternativa a esta e conivente com os princípios e reivindicações LGBTI+ somente em 2019 foi assumida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma das mais respeitadas e influentes da área ao retirar de seu código de patologias mentais o CID-10 e modificou no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM, DSM-5, o conceito de “transtorno de identidade de gênero” e inseriu “disforia de gênero”. A OMS preferiu inserir o termo “disforia de gênero” para garantir o tratamento na rede de saúde para pessoas trans, tema esse controverso entre o próprio movimento. Apesar disso, diversas instituições e manuais médicos ainda consideram essas condições de gênero e de sexualidades como “incongruência de gênero”, isto é, uma patologia mental para a qual se recomenda tratamento. Podemos afirmar que, de certo modo, as representações de gênero e sexualidades associadas a doenças mentais por parte do GP se beneficiam das discordâncias e pluralidade de pontos de vista dentro da medicina, da psiquiatria e da psicologia para reforçar via propaganda seu ideário.

Para o GP a influência nociva dos movimentos LGBTI+ e sua Ideologia de Gênero influencia negativamente a formação e as identidades dos indivíduos que a partir deles passam a se sentir em dúvida sobre seu gênero e sexualidades. Dúvidas e questionamentos que os colocam em um estado de vulnerabilidade extrema como a retratada no excerto C/C4 que apresenta o depoimento de uma jovem que o que a leva a

sentir-se e agir como um animal se deve a um defeito genético; e no excerto F/F3 que comenta o quanto as dúvidas que os indivíduos passam a ter sobre si mesmos podem acarretar decisões sobre modificações corporais. Já o excerto O/O4 o GP traz uma fala do presidente Jair Messias Bolsonaro como forma de apontar que esse problema é originado na educação.

Para a jovem, é um “defeito genético”. Com aceitação da família, em casa ela anda de quatro e fica ronronando e miando. Afirma que tem medo de cachorros e que já tentou caçar ratos. Acredita ainda que tem a audição e a visão aguçada dos felinos. (TEXTO C/C4: TRANSGÊNERO ANIMAL: JOVEM DIZ QUE É UMA GATA PRESO EM CORPO HUMANO).

Em todos esses casos, as modificações são feitas em nome da “construção” da sua identidade, ou seja, o exterior refletir como a pessoa “se sente” no íntimo. Seria uma forma extremada da identidade de gênero, não importa como você nasceu, apenas como se vê. (TEXTO F/F3: IDEOLOGIA DE ESPÉCIE FAZ 10 MIL INGLESES VIVEREM COMO CACHORROS).

“Não tenho implicância com LGBT, mas uma questão de prova que entra na linguagem secreta de gays e travestis não mede conhecimento nenhum. Temos que fazer com que o Enem cobre conhecimentos úteis para a sociedade”, destacou. (TEXTO O/O4: É UM VEXAME O QUE CAI NA PROVA DO ENEM, AVALIA BOLSONARO).

Nos excertos citados a estratégia de propaganda parece valer-se novamente de descrever como equivalentes duas condições diferentes dos indivíduos citados: de um lado, a percepção interna do indivíduo de sua identidade de gênero e sexualidades e, de outro, a vivência de uma patologia mental de fato, a licantropia clínica. Esta última, uma rara síndrome psiquiátrica na qual a pessoa afetada sofre a ilusão de se transformar em um animal ou de ser um animal. Podemos afirmar que essas estratégias do GP procuram confundir uma condição patológica existente a uma condição psicossocial relacionada ao campo psíquico e cultural. Como destaca Hall (2011), as identidades são pautadas na cultura e nas trocas simbólicas a partir das quais é construída continuamente através do corpo modelado e regulado socialmente. Busca obter esse efeito de associação de campos conceituais diferentes por meio de um jogo de palavras comuns entre diferentes campos de saberes, tais como: identidade, construção, desconstrução, síndrome, patologia, entre outros.

Com isso, em nossa hipótese, o site favorece a emergência do medo entre seus/suas leitores/as: medo de se sentirem assim, medo de que qualquer um pode a

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos qualquer momento duvidar de seu gênero<sup>existências</sup>” e sexualidades, medo de que seus/suas filhos/as decidam trocar de gênero e sexualidades como se fosse uma decisão consciente e intencional. Para tanto, insinuam como no excerto F/F3 que os casos narrados são sintomas “[...][de] uma forma extremada da identidade de gênero, [em que] não importa como você nasceu, [e, sim] apenas como se vê”. Mais uma vez o GP se vale da confusão conceitual intencional entre sexo, gênero e sexualidades.

É importante destacar também que a estratégia de propaganda utilizadas pelo GP somente obtém sucesso na medida da confiança de seus/suas seguidores/as na veracidade de suas postagens. Consideramos que essa confiança é alicerçada pelas crenças e valores defendidos pelos grupos religiosos evangélicos que sustentam o site e que se manifestam como vozes legítimas desta fé. Para Saquette (2007) o discurso que é levado para as arenas políticas por meio dos grupos religiosos é o mesmo que é aplicado em seus cultos na Igreja.

Desse modo, a representatividade e a confiança do seu público é reafirmado pelos discursos que se legitimam por meio das vozes desses/as missionários/as da fé na arena política. Para Moscovici (2012) as representações sustentadas por meio de propagandas que circulam nas esferas políticas e religiosas precisam ser a mesma difundida em diversos lugares. A representatividade acontece porque as propagandas se reafirmam a todo momento sem entrar em contradição. Por isso, que acompanhamos a aproximação entre os discursos religiosos e políticos e suas distorções em diversos espaços.

As representações de gênero e sexualidades em circulação no GP para além de distorcer, deformar e revestir de significados caricatos e grotescos as identidades LGBTI+ também ridicularizam e promovem a descrença na ciência. Como notou John B. Thompson (2008) os meios de comunicação de massa implicaram a possibilidade de criação de novas formas de interação social que contribui para desqualificação de formas de viver e a produção de outros com maior intensidade no decorrer do século XX e XXI.

Desse modo, discursos em disputa se fazem presentes nas diferentes formas de mídia na tentativa de criar novas representações sociais e fazê-las circular e se propagar entre o público em geral. Em última instância, trata-se por parte do GP da produção de novos universos consensuais em torno das representações de gênero e sexualidades. Finalizando, podemos dizer que as representações sociais apresentadas nesta seção e capturadas das postagens do GP sobre gênero e sexualidades por meio da propaganda

busca promover o pânico moral e neutralizar as ações dos movimentos LGBTI+. Para isso, incrementa a disputa política e simbólica dos dois grupos em oposição – grupos religiosos evangélicos e movimentos LGBTI+ - pelo campo representacional sobre gênero e sexualidades levando-os a uma polarização que ultrapasse o campo comunicacional e influencie diretamente o campo social ganhando concretude nas políticas públicas educacionais sobre o tema, em especial, o currículo da educação sexual escolar nas escolas brasileiras.

### **Considerações Finais**

Neste conjunto de excertos observamos mais uma vez o recorte, a seleção e a costura de certas informações de notícias, pesquisas e opiniões de forma a organizar uma postagem reiterativa dos posicionamentos do próprio *site*, neste caso o *Gospel Prime*. Podemos explicar o uso dessas estratégias por parte do GP a partir das afirmações de Nilson Lage (2001) para quem as mídias nem sempre têm como objetivo abordar os fatos e as situações em sua totalidade e sim selecioná-los de acordo com os interesses de seus apoiadores em um movimento circular de difusão de representações confirmadoras.

Além disso, essas desinformações publicadas no *site* irão moldar as condutas do seu público que vão identificar qualquer tentativa de uma educação que visa a diversidade sexual como uma ameaça, ou seja, toda ação que ocorrer no sistema educacional que tentar promover uma educação para a diversidade sexual vai ser preciso combater. As representações sobre gênero no *site* evangélico têm este intuito de promover ações de violência contra um determinado grupo, neste caso o LGBTI+, em especial promovendo um discurso “tido como” pautado na Ciência.

Encontramos em Mayra Rodrigues Gomes (2003) reforço a esse posicionamento quando afirma que essa circulação de representações confirmadoras dos posicionamentos dos grupos evangélicos e seguidores do GP vão construindo uma teia simbólica que orienta as condutas desses indivíduos em meio social. O impacto social dessa teia simbólica depende da adesão dos seguidores do *site* e de sua reprodução em outras mídias e outras formas de comunicação cotidianas a ponto de desestabilizar outras representações circulantes no meio social em especial na escola.

É importante, também, destacar que as representações sociais capturadas no *site* GP constituíram uma pedagogia potente capaz de criar novas narrativas de forma a

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”. Por isso, em nossa perspectiva, cabe a nós, educadores e educadoras, problematizar os conteúdos e os ensinamentos produzidos além dos muros da escola como os distribuídos pelo GP, mas, que adentram o ambiente escolar e proliferam por meio das diferentes mídias.

Essa pedagogia que se organiza pela mídia evangélica, ao longo de nossos estudos e experiência profissional percebemos a falta de organização política da comunidade escolar, movimentos LGBTI+ e educadores/as quando se trata de fazer frente aos ataques da mídia evangélica quanto as questões de gênero e sexualidades LGBTI+. Que os educadores e educadoras possam fazer frente às múltiplas “verdades” que se apresentam e regulam os modos de ser e viver em sociedade, pois ensinar sobre gênero e sexualidades LGBTI+ é proporcionar que homens e mulheres sejam detentores dos seus afetos, desejos, crenças e vontades.

Em nossa perspectiva, a desarticulação dos conteúdos de gênero e sexualidades LGBTI+ propagados de forma intencional e política por mídias evangélicas como o *site* GP pelo sistema educacional brasileiro é fundamental para a formação das identidades de crianças e jovens na atualidade. Na atualidade, parece-nos urgente o desmantelamento dessas representações sociais ancoradas em binarismos, sexismos e estereótipos de gênero e sexualidades.

A continuidade de produção e circulação de representações sociais dessa ordem como o faz o GP sem uma resposta crítica autoriza, em parte, que homens e mulheres LGBTI+ continuem sofrendo diversos tipos de violências físicas, morais e simbólicas. Entre elas a violência representacional que desqualifica e ridiculariza seus modos de ser e de viver: as mulheres se conformam com as condições sexistas enquanto os homens se conformam com a máquina de moer outros homens.

Enquanto não criarmos um diálogo capaz de romper os muros da escola e criar condições para que educadores/as, alunos/as e comunidade possam dialogar sobre gênero e sexualidades, a sociedade corre riscos de permanecer à mercê de ideias preconceituosas e eleger para seus representantes pessoas de ultradireita de que propalam à população defesas como a de que a cor azul é para meninos e rosa para meninas, ou ainda que meninas são estupradas por não usarem calcinhas. Parece-nos urgente (des)educar a população desta pedagogia conservadora, religiosa, moral e vil sobre gênero e sexualidades LGBTI+ que vem se instalando na sociedade brasileira com intenso apoio das mídias evangélicas.

## Referências

ARAÚJO, K. T. **Representações Sociais de Estudantes do Ensino Médio Sobre a Prática do Futebol por Mulheres: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p.127-147, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>. Acesso em 4 jan. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 75, 2016.

BENTO, B.; PELÚCIO, L. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas.** **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200017> . Acesso em 19 jan. 2023.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DIP, A. **Em nome de quem? a bancada evangélica e seu projeto de poder.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

GOMES, M. R. **O Poder no Jornalismo.** São Paulo: Edusp, 2003.

**GOSPEL PRIME.** Disponível em [www.gospelprime.com.br](http://www.gospelprime.com.br). Acesso em 5 abril 2022.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez 2011. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514> . Acesso em 15 jan. 2023.

JUNQUEIRA, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, set/dez 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n43/v18n43a04.pdf> . Acesso em 5 jan. 2023.

JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** Brasília: Autor, 2012. Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989). Acesso em 11 jan. 2023.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALHÃES, J. C. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais.** Tese (Doutorado em Educação em Ciências). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

Uma análise da mídia evangélica: “gênero é biológico e tudo que foge disso subverte os princípios religiosos cristãos”

MISKOLCI, R.; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set/dez2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>. Acesso em 5 jan. 2023.

MORENO, M. E. **Feminismos e antifeminismos na política brasileira**: “ideologia de gênero e o Plano Nacional de Educação 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Londrina), Londrina, 2016.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAQUETTO, D. **A invenção do pastor político**: imaginários de poder político construídos a partir da história das bancadas evangélicas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2007.

RUDNITZKI, E.; SCOFIEL, L. Grupo de mídia evangélica que pertence a senador bolsonarista é um dos que mais dissemina desinformação, afirmam pesquisadores. **Revista Eletrônica**. 31 de agosto de 2020. Disponível em <https://apublica.org/2020/08/grupo-de-midia-evangelica-que-pertence-a-senador-bolsonarista-e-um-dos-que-mais-dissemina-desinformacao-afirmam-pesquisadores/>. Acesso em 12 abr. 2022.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em abril de 2023.  
Aprovado em julho de 2023.